

folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Mediações da informação em blogs de funk: um olhar a partir da análise crítica do discurso

Jobson Francisco da Silva Júnior

Doutor em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (PPGCI/IBICT/UFRJ). Mestre em Ciência da Informação UFPB. Bacharel em Biblioteconomia, pela UFPB.

jobsonmin@gmail.com



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaQual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).

Resumo

Discute o ambiente midiático na qual vive a sociedade contemporânea, no tocando aos processos de democratização da informação, e como ainda existe um fosso informacional que atinge muito mais a população negra brasileira, uma das muitas faces do racismo no nosso país. Nesse contexto, a questão da construção da identidade negra emerge como pauta central nesta discussão, compreendida através das relações étnico-raciais no Brasil, evidenciando a identidade negra como uma identidade social construída sob luta contra poderes hegemônicos. Adota a Ciência da Informação como instrumental para pensar os processos de mediação da informação como dispositivos com potenciais de luta contra o racismo, dialogando com uma perspectiva social do campo. Adota como técnica de análise a Análise crítica do discurso, interpretando a linguagem não apenas como instrumental, mas como uma abordagem crítica sobre práticas discursivas racistas que são naturalizadas, mas oferece também a oportunidade de uso do discurso como instrumento de mudança social. Analisa um blog de funk, descortinando os significados por das postagens, evidenciando a ocorrência da informação étnico-racial e musical como elementos para a construção da identidade negra.

Palavras-chave: Identidade negra. Mediação da Informação. Análise crítica do discurso. Relações étnico-raciais.

Information mediations in funk blogs: a look from the critical discourse analysis

Abstract

It discusses the mediated environment in which contemporary society lives, regarding the processes of democratization of information, and how there is still an informational gap that affects the black Brazilian population much more, one of the many forms of racism in our country. In this context, the question of the construction of black identity emerges as a central issue in this discussion, understood through ethnic-racial relations in Brazil, showing the black identity as a social identity built under the fight against hegemonic powers. It adopts Information Science as an instrument to think of information mediation processes as devices with potential to fight against racism, dialoguing with a social perspective of the field. It adopts Critical Discourse Analysis as an analysis technique, interpreting language not only as instrumental, but as a critical approach to racist discursive practices that are naturalized, but also offers the opportunity to use discourse as an instrument of social change. Analyzes a funk blog, unveiling the meanings for the posts, showing the occurrence of ethnic-racial and musical information as elements for the construction of black identity.

Keywords: Black identity. Information Mediation. Critical discourse analysis. Ethnic-racial relations.

1 Introdução

A crescente criação e disseminação de novos conteúdos informacionais nas redes digitais os tornam cada vez mais acessíveis, sendo também crescentes as iniciativas no sentido de democratizá-los. Capurro (2009) exemplifica esse fenômeno, apontando a criação de comunidades virtuais transnacionais e transculturais. Contudo, cabe salientar que apesar de inúmeros processos de democratização da informação, principalmente por meio do acesso à internet, ainda não há um acesso igualitário.

Schneider (2015, p. 36) chama atenção para a informação midiaticizada como a “principal provedora de hierarquias e repertórios de práticas, ideias, objetos, horizontes e atributos, verdadeiros ou falsificados”. Essa profusão informacional tanto contribui para a perpetuação da hegemonia quanto pode ser usada de forma contra hegemônica, desconstruindo hierarquias.

Ao falarmos sobre processos de democratização da informação, nos propomos a olhar especificamente no tocante a população negra no Brasil, que durante toda a história do país teve, e ainda tem os seus direitos mais básicos negados, ainda perpetuando, e também reinventando, as práticas do racismo.

Para Hall (2016), uma estratégia para desconstruir o racismo é a substituição de imagens negativas de pessoas negras, que continuam a dominar a representação popular, por imagens positivas da população negra, de sua vida e cultura, o(a) negro(a) que passa, cada vez mais a ocupar posições de poder na sociedade reinvida representações que sejam condizentes com essa mudança na sociedade. Essa estratégia objetiva a aceitação da diferença, expande a gama de representações raciais e a complexidade do que significa “ser negro(a)”. Seguindo essa linha de pensamento, pensar os processos de democratização da informação como instrumento de luta contra o racismo, faz-se necessário pensar também sobre os processos de mediação da informação, quais são as interferências que as informações no tocante a esse grupo sofre ao serem disseminadas?

Ressaltamos que o combate ao racismo ainda é uma luta que deve ser travada em todas as estruturas da nossa sociedade e que o silêncio diante do racismo é o mesmo que sua aprovação. É preciso denunciar as ações racistas, mesmo que elas façam parte do cotidiano brasileiro, seja de modo explícito ou nas formas mais sutis (para quem pratica) das suas variações.

Propomos aqui um olhar sobre os blogs de funk para confrontar as informações disseminadas nas músicas do gênero e sobre o gênero, entendendo os blogs como dispositivos mediadores da informação¹.

No contexto da Biblioteconomia e Ciência da Informação as discussões sobre etnia, gênero e sexualidade são algumas das temáticas que tem ganhado espaço no campo, agora também sob uma perspectiva do protagonismo social. Dessa maneira, perguntamos aqui: quais são as contribuições efetivas que Biblioteconomia e Ciência da Informação podem dar para o debate, e por consequência para uma intervenção na sociedade, sobre o racismo no Brasil?

2 Relações Étnico-Raciais e a Necessidade de uma Identidade Negra no Brasil

Para entendermos a situação da pessoa negra na contemporaneidade, e especificamente no Brasil, é preciso lançar um olhar conjuntural sobre a cultura, como nos adverte Hall (2003) ao refletir sobre a cultura popular negra. Essa conjuntura é dada por três eixos principais. O primeiro é o deslocamento dos modelos europeus enquanto sujeito universal da cultura. O segundo eixo diz respeito ao surgimento dos Estados Unidos como novo centro de produção e circulação global da cultura, país que sempre apresentou suas próprias hierarquias étnicas. E o terceiro eixo está relacionado com a descolonização dos países em desenvolvimento.

Esse cenário cria um ambiente onde “grupos políticos de origens diversas se recusam a homogeneizar sua opressão, mas fazem dela causa comum, uma imagem pública de identidade da alteridade” (BHABHA, 2014, p. 113). As pautas identitárias

¹ O presente artigo trata-se de uma parte da tese “Identidade negra e mediações da informação (étnico-racial) em blogs de funk”, logo, aqui é trazida uma parte da análise dos dados de forma a ilustrar as práticas de mediação da informação no universo da pesquisa. Disponível em: <http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1030>. Acesso em: 27 dez. 2020.

tornam-se bandeiras de luta contra as opressões sofridas de forma institucionalizada e tais grupos, que são tratados como minorias sociais, a exemplo da população negra, trabalham para desconstruir a ideia normalizada das práticas como racismo, machismo, LGBTfobia, xenofobia, para citar alguns exemplos.

É na crítica pós-colonial que se reconhece a existência de forças irregulares e desiguais na representação das culturas, dando voz a países do 'Terceiro Mundo' e às minorias sociais (BHABHA, 2014). Bhabha (2014) ainda atenta para o fato da existência de toda uma gama de teorias críticas contemporâneas que afirmam que é com esses grupos marginalizados que aprendemos as lições mais duradouras da vida e do pensamento, ou seja, ao contrário do discurso eurocêntrico, os países periféricos são (e sempre foram) produtores de conhecimento.

Saímos então das singularidades de classe ou de gênero como categorias básicas da formação do sujeito, e passamos a considerar as posições de raça, gênero, geração, local institucional, localidade geopolítica e orientação sexual como elementos diversos e importantes para a construção da(s) identidade(s) (BHABHA, 2014). Passamos então a entender que a construção do sujeito sofre diversas influências, seja de forma ativa ou passiva. Para Hall (2003), a produção de novas identidades é o resultado de políticas da diferença. Dessa forma, vemos no processo de construção/afirmação da identidade negra um mecanismo de luta contra o racismo por meio da aceitação da diferença, entendendo que a questão da identificação não é a aceitação de uma identidade dada, mas a construção de uma identidade que precisa ser negociada em diversas fronteiras.

Trata-se também da luta pela hegemonia cultural, o uso de estratégias culturais para fazer a diferença e questionar as diferentes morais estéticas, as estéticas sociais e os ordenamentos culturais que abrem a cultura para o jogo do poder (HALL, 2003), uma relação de efetiva alteridade. Assim, a luta pela hegemonia contempla também uma luta por reconhecimento, visto que as lutas culturais e identitárias implicam em um direito de existir e de se expressar, mas não se resumem a isso.

Nesse contexto, a identidade negra se constrói num espaço contraditório, de contestações estratégicas, onde têm-se usado o corpo como se ele fosse, e era assim considerado no passado, o único capital que se tinha. A população negra, hoje, conta uma série de dispositivos para preservação de sua cultura e identidade, como a Lei Nº 7.716² para citar um exemplo, mas essa luta ainda começa no exercício do poder no próprio corpo negro.

Cunha Júnior (2013) afirma que a compreensão da situação atual da população negra no Brasil não depende do entendimento unicamente do racismo anti-negro como problema estrutural. Essa problemática exige uma reflexão sobre as dimensões da esfera social, política, cultural e econômica, que são entendidas como um sistema complexo, indo além das simplificações teóricas inspiradas no modelo marxista, mas que o deturpam, ao reduzirem os conflitos sociais ao confronto de duas classes sociais, restringindo-se à esfera econômica das relações entre despossuídos e possuidores de capital (CUNHA JUNIOR, 2013, p. 5).

A questão étnico-racial, hoje, pode ser pensada por diversos vieses, levando em consideração, além do preconceito de marca no Brasil, a questão econômica, as políticas públicas (principalmente com foco na saúde da população negra), questões de gênero e sexualidade.

3 Mediação da Informação em Blogs

As diferentes necessidades de informação têm como uma das suas maiores barreiras a quantidade de informação disponíveis nos diversos meios, seja nas fontes impressas ou nos ambientes web. A busca por informações implica necessariamente na escolha das fontes de informação, que nos proporcionam recuperar as informações necessárias, em tempo hábil e com precisão. Pensar os blogs de funk enquanto dispositivos mediadores de informação demanda também uma compreensão dos próprios blogs enquanto fonte de informação.

² Lei de 5 janeiro de 1989, segundo a qual "serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional" (BRASIL, 1989).

As fontes de informação têm como propósito satisfazer as necessidades de informação de todo tipo de usuários, desde os especializados, como pesquisadores e acadêmicos, até os usuários comuns. As fontes de informação exercem sua função ao encontrar, identificar, selecionar, obter recursos bibliográficos e disponibilizados de forma acessível, e preferencialmente amigável, ao usuário (BAGGIO; COSTA; BLATTMANN, 2016). Trata-se de qualquer recurso que responda a uma demanda de informação por parte dos usuários, incluindo produtos e serviços de informação, pessoas ou redes de pessoas, programas de computador etc., e influenciem na geração do conhecimento e do aprendizado (SILVA; AQUINO, 2014).

Podemos definir os blogs de funk como uma fonte de informação na web, uma forma de registro do conhecimento, que se configura como uma fonte informal e predominantemente secundária, que dissemina informações sobre documentos primários, com foco na informação musical, nessa perspectiva passando a entender os blogs também como um dispositivo mediador da informação.

Dito isso, o conceito de mediação da informação pode ser visto no âmbito operacional, onde sua aplicação pode assumir um grau maior de especificidade, a exemplo da mediação midiática, mediação pedagógica, mediação cultural, mediação institucional, mediação tecnológica, entre outros. Davallon (2007) aproxima os conceitos de mediação da informação e mediação cultural. Ambos os conceitos objetivam construir uma interface entre o usuário e o objeto cultural, que se manifesta na informação. Para o autor, o uso mais comum do termo mediação, que corresponde ao senso comum, é a ação de servir de intermediário.

O conceito de mediação na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação é tratado como um conceito que tem seu significado implícito, partindo de uma prática intuitiva. Esse conceito é incorporado na prática dos(as) profissionais da área e tornou-se de uso corrente. No senso comum, construído por esses(as) profissionais, o conceito de mediação é associado com a imagem de uma ponte, que faz a ligação entre dois pontos. Contudo, conforme discute Almeida Júnior (2009), essa imagem é inapropriada, porque a ponte cria uma imagem estática que não representa a dinamicidade do fenômeno.

A ponte que liga dois pontos fixos não contempla a subjetividade dos sujeitos envolvidos. A mediação da informação se apresenta, então, como uma discussão mais aprofundada do que as ideias de simples transferência e disseminação da informação. Não se trata apenas de transportar a informação de local para outro, como seria feito na ponte, em uma perspectiva positivista: a mediação é um componente da própria construção de conhecimentos.

A noção de mediação aparece cada vez que há necessidade de descrever uma ação implicando uma transformação da situação ou do dispositivo comunicacional, e não uma simples interação entre elementos já constituídos – e ainda menos uma circulação de um elemento de um pólo para outro (DAVALLON, 2007, p. 10).

Para Almeida Júnior (2009), a mediação da informação é um processo de interferência, que na maior parte dos casos é realizada por um(a) profissional da informação. Esse processo é multifacetado e pode acontecer de maneira direta ou indireta, consciente ou inconsciente, singular ou plural, e objetiva propiciar o acesso a informações passíveis de apropriação para que seja satisfeita uma necessidade de informação específica. Complementando esse entendimento, Marteleto e Thiesen (2018) apontam a característica da mediação enquanto uma forma de intervir no curso da comunicação.

Entendemos que a mediação da informação por meio dos blogs de funk é feita de uma forma implícita, que “abarcaria ações que deixam transparecer um conhecimento inconsciente, não passível de controle e que se imbrica com os conhecimentos conscientes” (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 93).

Em uma dimensão que podemos entender como mediação técnica da informação, segundo Davallon (2004, *apud* Marteleto, 2010), que designa operações de tecnização em primeiro plano, mas sem ignorar a dimensão subjetiva dos sujeitos envolvidos no processo de interações e trocas, como consequência desse primeiro plano temos a mediação social.

A mediação da informação nos blogs em questão não é realizada por profissionais da informação (bibliotecários, arquivistas, museólogos, documentalistas), e tem objetivos diversos, principalmente de entretenimento. No caso específico dos blogs de funk, acontece também divulgação de bailes e artistas, download de música etc. Essa característica nos reforça a ideia aduzida por Almeida Júnior (2009) da dinamicidade dos processos de mediação: nos blogs, a informação não percorre, em todas as

ocasiões, um caminho predeterminado. Além disso, ela é sempre carregada por um viés ideológico, assim como o seu processo de mediação e apropriação. O entorno exerce influência significativa em todo o processo.

O ato de mediar implica a existência de um agente mediador, um terceiro, que tem a função de facilitar o acesso à informação, acesso esse que acontece por meio de interação e interposição. A mediação implica uma ação dialética com um objetivo a ser alcançado (DAVALLON, 2007; ALMEIDA JÚNIOR; SANTOS NETO, 2017). Acrescentamos que mediador não é só o agente humano, mas os próprios blogs, entendidos como dispositivos mediadores da informação.

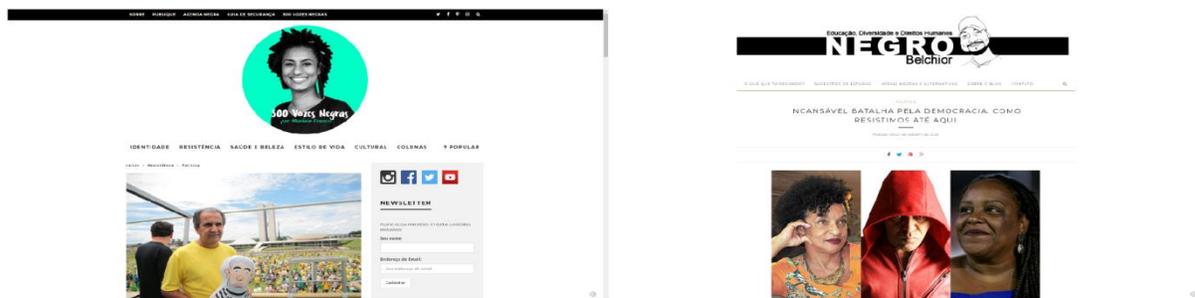
Almeida Júnior e Santos Neto (2014) chamam atenção para a mediação consciente como um dos principais meios de fazer com que o(a) usuário(a) consiga se apropriar da informação. Aqui podemos nos questionar se a ocorrência de informação étnico-racial³ nos blogs de funk poderia ser entendida como um processo de mediação consciente por parte dos(as) blogueiros(as).

Destarte, podemos identificar a ocorrência da informação étnico-racial como um nível de intencionalidade no processo de mediação da informação nos blogs em questão. Existe, de certa forma, um processo de filtragem na produção da informação nos blogs que precede a mediação da informação.

A ocorrência da informação étnico-racial mediada pelos blogs de funk é também uma forma de o sujeito se manter informado. Barboza e Almeida Júnior (2017) veem esse processo como um despertar para uma criticidade em relação ao contexto sócio-histórico no qual o usuário do blog está inserido. É a partir da apropriação dessa informação que é possível questionar e assim, agir para transformar o sistema vigente no qual se está inserido.

Grupos que são tradicionalmente invisibilizados e tratados como minorias, mesmo que não sejam minorias de fato, têm nos blogs uma forma de registro e preservação de sua memória e cultura, de sua existência. Como é observável na figura 1, no Blogueiras Negras e no Blog do Negro Belchior, vinculado ao site da revista Carta Capital, os blogs em questão tratam especificamente de temas relacionados à população negra e, no caso do primeiro, com ênfase no recorte de gênero.

Figura 1 – Blogs ligados a movimentos sociais



Fonte: Elaborado pelo pesquisador⁴.

Leitores(as) e blogueiros(as) passam a integrar, nesse contexto, novas redes sociais, com seus laços que podem ser fortes, fracos ou latentes. Constroem, desconstruem e reconstruem identidades, discutem relações de gênero e também de poder, mesmo que em alguns dos casos essas discussões não aconteçam de forma consciente.

É possível pensar os blogs a partir dos fluxos de informações que eles geram. Os(as) blogueiros(as) se inserem, na maior parte das vezes, em pequenos grupos que partilham informações pessoa a pessoa. Logo, podemos pensar também blog a blog, por exemplo, os memes. Os blogs são também dispositivos propícios para a construção de uma inteligência coletiva ou como novos atores políticos em si mesmos (ARAÚJO; ARAÚJO, 2015; PENTEADO; SANTOS; ARAÚJO, 2009). Essa visão ressalta os blogs como ambientes diferenciados e únicos no processo de mediação da informação.

³ [...] todo elemento inscrito num suporte físico (tradicional ou digital), passivo de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, e tem o potencial de produzir conhecimento sobre os elementos históricos e culturais de um grupo étnico, na perspectiva da afirmação desse grupo étnico e considerando a diversidade humana (OLIVEIRA, 2010, p. 56).

⁴ Os blogs encontram-se disponíveis em: <http://blogueirasnegras.org/> e <http://negrobelchior.cartacapital.com.br/>.

Em alguns blogs é habilitada nas postagens a opção de comentários dos(as) leitores(as). Aqui ainda existe a variação de permitir que todos(as) possam fazer comentários ou apenas quem estiver identificado (logado). Salientamos que o(a) leitor(a) também é ativo no processo de produção da informação nesse ambiente. Na medida em que tem acesso às informações mediadas pelos blogs, ele se apropria e também gera novas informações.

Pensando nos processos de mediação da informação nos blogs, alguns critérios, apontados por Araújo (2009), chamam atenção a respeito do conteúdo das postagens e precisam ser observados com mais atenção, como questões relativas à **aparência** dos blogs, alguns aspectos sobre a arquitetura da informação; **periodicidade** das postagens; **confiabilidade** das informações; e **objetividade das informações**. Esses critérios devem ser pensados focando os(as) leitores(as) dos blogs em questão.

Sarturi e Cerqueira (2017), em estudo sobre os blogs, apontam a ocorrência, no discurso de algumas blogueiros(as), da manifestação de aspectos identitários, que assumem papel importante na construção social do sujeito. Por meio das informações mediadas por esses blogs, os(as) leitores(as) podem se identificar entre si, fortalecendo uma percepção sua e das pessoas ao seu redor. Dessa forma, a apropriação dessas informações é um subsídio para que elas façam parte desse coletivo, construindo uma identidade social.

Os blogs podem atuar como instrumento de rompimento de preconceitos e agem como dispositivos mediadores de informações. Ajudam a consolidar uma identidade tanto por um viés individual quanto coletivo, são também formas de (re)existência.

Olhando para o nosso objeto de pesquisa, os blogs também trabalham a questão do empoderamento, mediante o posicionamento contra a discriminação racial e o preconceito, por meio de processos de mediação da informação com potencialidade para mudanças sociais.

4 A informação étnico-racial nos Blogs de Funk: uma (re)construção identitária?

Para investigar os processos de mediação da informação de cunho étnico-racial, lançamos um olhar sobre os blogs de funk. Os blogs que compuseram nosso corpus inicial foram: 'Funk na caixa' e 'Mundo do Funk', além dos blogs de notícias do portal G1, contudo, neste artigo trazemos a análise do blog Funk na caixa, sob a luz da Análise Crítica do Discurso (ACD), ancorada em Fairclough (2012; 2016).

Entendendo o discurso enquanto uma prática social, procuramos apontar quando e como a informação voltada para a população negra é mediada no blog em questão, e se essas ocorrências possibilitam de alguma forma subsídios para uma construção identitária que luta contra o racismo.

A análise do discurso se mostrou, então, como a abordagem mais adequada à nossa realidade de pesquisa, uma vez que, ao refletir sobre o processo de mediação da informação em blogs, com ênfase na informação étnico-racial em torno do funk, entendemos tratar-se de uma prática discursiva. Logo, ela pode ser estudada como um instrumento "eficaz para a desnaturalização dos sentidos estabilizados sobre o racismo, entendido aqui como um fenômeno estrutural (e ideológico) de nossa sociedade" (GIORGI; BIAR; BORGES, 2015, p. 204). As investigações pelo viés do discurso proporcionam uma compreensão de como os indivíduos constroem sua realidade social, agem no mundo em condições sócio-históricas determinadas e também das relações de poder nas quais estão envolvidos (QUEIROZ; FREIRE, 2014; FAIRCLOUGH, 2016).

Dentre as muitas abordagens possíveis em meio às diversas correntes da análise do discurso, optamos pela Análise Crítica do Discurso (ACD) desenvolvida pelo linguista Norman Fairclough (2016; 2012), da Universidade de Lancaster, que investiga a linguagem como prática social dentro de um contexto específico. A ACD leva em consideração questões de classe, etnia, gênero, poder, identidades sociais, discursos midiáticos, dentre outras categorias. Essa abordagem é construída sob a influência das teorias de Foucault, Althusser, Gramsci e do marxismo do século XX.

Esse método estuda a linguagem pela relação que estabelece com seus elementos externos. Vemos na ACD uma forma de evidenciar a relação entre linguagem, sociedade, cultura e indivíduo, o que possibilita o uso do discurso como instrumento de mudança social. Para Fairclough (2016), hoje há uma preocupação maior em reconhecer os modos como as mudanças no uso linguístico estão relacionados aos mais diversos processos sociais e culturais. Levando em consideração a importância do uso da análise linguística como método para estudar as mudanças sociais, essa abordagem se relaciona também com questões de justiça social. Nesse sentido, a ACD se mostrou como uma técnica de análise adequada a nosso objeto de pesquisa.

4.1 Blog Funk na Caixa

O blog Funk na Caixa – A evolução do baile funk (Figura 2), blog criado no ano de 2010 por Renato Martins, o com intuito de difundir o seu trabalho como DJ. O blog objetiva também a divulgação do Neo Baile Funk, um subgênero do funk que o entende como música eletrônica, ainda não mapeado pela literatura acerca do gênero (MARTINS, 2019), até onde pudemos verificar.

Olhando para as postagens do blog, começamos sua análise individual pelo post ‘A Lotação Records te lembra: Funk também tem conteúdo’. O texto divulga o lançamento do álbum ‘BateBola & Funk’. No título da postagem nos chama atenção o uso da palavra ‘também’ no sentido de demarcar que existe o protesto dentro do funk, mas em segundo plano dentro desse universo. A afirmação “também tem conteúdo” ressalta, então, o que seria um espaço menor no gênero, reforçando a imagem do funk enquanto forma de diversão, como se pode constatar na afirmativa do post “Mesmo que a característica principal do funk seja ser dançante, com uma letra chiclete, não significa que não há espaço para outras abordagens” (MARTINS, 2015a). Aqui, o que demarca o funk é o caráter de diversão e qualquer outra função é vista como menos importante. Nesse sentido, é interessante notar que essa noção do papel do funk hoje tende, mais uma vez, a desconsiderar a sua origem nos EUA, enquanto uma música com forte viés político.

As composições do álbum em questão são de autoria do MC Beiblade. A postagem nos chamou atenção para a análise pelo título. Contudo, os protestos de que trata o post não tocam na questão étnico-racial, no texto imagético (Figura 2), no texto escrito ou nem no conteúdo das letras do álbum, que são disponibilizadas no corpo do texto por um link para a página do álbum no SoundCloud.

A imagem do MC Beiblade é sempre coberta por uma máscara. Pela página do álbum no SoundCloud é possível também ser direcionado para a página do funkeiro no Youtube, onde foi feita a observação do clipe Caravana da Coragem, uma das faixas do álbum BateBola & Funk. No clipe, além da máscara, o MC Beiblade usa um casaco preto com capuz e um par luvas na

mesma cor, ficando completamente coberto. Dessa forma, é impossível visualmente determinar a etnia do artista (conforme a Figura 2).

Figura 2 – MC Beiblade



Fonte: Blog Funk na Caixa, 2019.

MC Beiblade se apropria de um signo tradicional do carnaval carioca, os bate-bolas (também conhecidos como Clóvis), que são personagens que usam trajes típicos, onde “as peças de vestuário da composição básica de uma fantasia de bate-bolas são o macacão, uma sobreveste (que pode ser uma capa, uma casaca ou um bolero) e a máscara, aos quais podem ser acrescentados uma vasta gama de complementos opcionais” (PEREIRA, 2009, p. 118). A máscara é apontada como um item obrigatório da fantasia, pois tradicionalmente era preciso manter o anonimato do bate-bola. Ainda inclui a indumentária do bate-bola uma bexiga (ou bola, em ‘carioquês’), presa por um fio, sendo justamente o elemento que dá nome ao personagem, “a bexiga, que também já foi descrita por alguns pesquisadores como elemento obrigatório na fantasia tradicional dos bate-bolas, atualmente pode ser compreendida como um sinalizador de agressividade” (PEREIRA, 2009, p. 120). Dessa forma, o personagem bate-bola não apenas dá nome ao álbum, mas também evoca para o MC Beiblade, e a sua música, a agressividade representada pela brincadeira carnavalesca.

Na parte superior da figura temos a imagem principal do post no blog Funk na Caixa e na parte inferior uma imagem capturada do clipe no site Youtube, a identidade do MC Beiblade não é revelada em momento algum. Atribuímos essa caracterização à própria performance do artista relacionada ao contexto das canções de protesto, sendo que em alguns momentos é possível verificar o aparecimento eventual de manifestantes com o rosto coberto, para tentarem se proteger de bombas de gás lacrimogêneo e para esconder sua identidade, com uma indumentária ligada aos(as) manifestantes identificados com o movimento black bloc .

O texto em questão também traz uma breve entrevista com Matheus Cogli, um dos responsáveis pela gravadora Lotação Records, que produziu e lançou o álbum. A entrevista toca em alguns pontos relevantes sobre o funk. A primeira pergunta questiona: “O baile funk tem uma característica de ser dançante. Já neste lançamento há uma voz de protesto. Como vocês veem essa dualidade?” Aqui o entrevistador dissocia o funk de seu caráter político, ignorando sua origem. O enunciado da questão sobre o caráter de protesto não seria uma característica corrente no funk e o mesmo se oporia à questão da diversão, manifesta na pergunta pela “característica de ser dançante”.

Em sua resposta, Cogli afirma que a característica dançante, de divertimento, não se opõe necessariamente à questão do protesto, o funk conservaria ambas as características, como pudemos observar ao longo de sua história. O entrevistado

conclui sua resposta dizendo que “o funk desde o início sempre teve espaço pra todo tipo de letra, desde zoação, romantismo até protesto, justamente uma das características que faz do funk um ritmo tão democrático” (MARTINS, 2015a).

A partir dessa afirmativa, é salientado que as informações sobre o funk disseminadas aqui podem apresentar um caráter que evidencia a multiplicidade do gênero enquanto movimento cultural, um gênero musical que se subdivide em diversos subgêneros como apontado anteriormente. Mesmo não fazendo nenhum tipo de associação direta às questões étnico-raciais, é possível observar sua ocorrência frequente do funk enquanto instrumento de protesto. O álbum *BateBola & Funk* denuncia uma realidade vivida nos morros da cidade do Rio de Janeiro, como o tráfico de drogas e a violência policial, que atinge, na maior parte dos casos a população negra. São problemas do cotidiano dos(as) jovens negros(as).

Seguindo na análise das postagens, observamos o post: ‘O direito à diversão e o direito ao descanso das pessoas da comunidade. As diretrizes da prefeitura em relação ao Fluxo’. Mais uma vez, não existe a ocorrência intencionalmente direcionada da informação de caráter étnico-racial. Esta ocorre de maneira não intencional, ou até mesmo não consciente. O post em questão trata de uma iniciativa da prefeitura de São Paulo em promover condições para a realização dos Fluxos/Pancadões, terminologia pela qual os bailes são conhecidos na cidade, de maneira harmoniosa, possibilitando a seus frequentadores(as) o direito de ir e vir em segurança, não atrapalhando o trânsito da cidade, levando em consideração também a questão do horário de término dos bailes em função do barulho, tentando evitar a poluição sonora em áreas residenciais, entre outros fatores.

Uma entrevista foi concedida por Antônio da Silva Pinto, na época, à frente do Gabinete de Diretrizes Especiais da Secretaria de Turismo e ex-secretário da Secretaria Municipal de Promoção e Igualdade Racial (SMPIR), responsável pelo estabelecimento dos diálogos com os(as) promotores(as) dos fluxos na cidade para assegurar sua realização.

Embora aqui não seja feita, por parte do blog, nenhuma associação direta entre o funk e a população negra e periférica da cidade de São Paulo, essa ligação existe, como podemos observar na afirmação feita por Antônio Pinto, quando diz que “o trabalho com o funk começou na Secretaria Municipal de Promoção da Igualdade Racial (SMPIR), proposta que surgiu no governo atual para, também, facilitar o diálogo entre a comunidade do funk e o Estado” (PINTO, 2010 *apud* MARTINS, 2015a, online). Ao estabelecer a ligação entre a SMPIR e o funk, é possível que seja evocada a história do funk como um espaço de lazer e movimento político ao mesmo tempo, produção cultural da população negra que celebra sua existência com alegria e orgulho, materializados nos espaços dos bailes e nas informações de cunho étnico-raciais disseminadas nos blogs, mesmo que de maneira discreta.

O envolvimento da SMPIR nessa problemática tende a passar despercebido em todo o post, que não menciona em momento algum o fato desses espaços serem ocupados pela juventude negra, assim como os rolêzinhos, fenômeno que também marca a (r)existência dessa população na cidade de São Paulo. Entendemos essa dissociação como uma característica que o blog em questão tende a assumir em suas postagens. O fato de a SMPIR carregar no seu nome o termo igualdade racial não desperta, por parte do blog, a necessidade de discutir a questão de raça no post.

Aqui também é possível observar o racismo que age na forma de repressão aos bailes funk também em São Paulo. O discurso proferido por Antônio Pinto (MARTINS, 2015a) evidencia isso ao relatar que a maior dificuldade, nesse primeiro momento, de lidar com os bailes funk em São Paulo foi encontrar informações na Secretaria de Cultura. As informações que o secretário recuperou vieram da Polícia Militar. Os espaços para o lazer da juventude negra são entendidos pelo Estado como perigosos, ficando, logo, a encargo da secretaria de segurança e não da secretaria de cultura.

Ao olharmos as imagens presentes na postagem, se ressalta para nós a etnia das pessoas nas fotos. Apesar de o texto escrito não mencionar o funk como produzido e também largamente consumido pela população negra, o texto imagético deixa essa população em evidência, ao coloca-la sempre no plano central das imagens, sendo negros e negras não só os(as) artistas

nos bailes, mas também a maioria das pessoas envolvidas na organização dos eventos, conforme exemplificado nas Figuras 2, uma montagem com as fotos do post.

Figura 3 – Organização dos fluxos em São Paulo



Fonte: Blog Funk na Caixa (2019).

Na imagem acima uma mulher negra ocupa o plano central e a sua esquerda está uma mulher branca que está de lado para a posição da câmera, logo, o posicionamento das duas mulheres indica que a intenção da fotografia é colocar em destaque a mulher negra. Dentro das formas vermelhas é possível observar que a pessoas ao fundo também são negras.

Na imagem inferior esquerda é observável que a maior parte das pessoas são negras, o MC e muitas das jovens. Apesar do uso de filtro preto e branco para a imagem é possível observar na maior parte das jovens alguns fenótipos característicos da população negra, dessa forma, corroborando nosso argumento de que os textos imagéticos na postagem evidenciam os fluxos (ou bailes) como espaços ocupados majoritariamente pela população negra.

A imagem inferior direita retrata um momento antes da realização do fluxo. Nela, um homem negro ocupa o centro da imagem, vestindo uma camisa com o dizer 'MEGA FLUXO DA HORA LEGAL'. A frase mostra que a diferença no espaço geográfico implica em mudanças do próprio gênero, exemplificado pelas gírias. 'Baile', em São Paulo, passa a se chamar também 'fluxo'; a expressão 'da hora', também característica da região, significa algo positivo; e o 'legal' é referente à legalidade, demonstrando que se trata de um evento com o apoio da prefeitura. Mesmo que a prefeitura não esteja diretamente ligada à promoção e organização dos fluxos, ao prover condições para que eles estejam nas conformidades de todas as leis referentes

à realização de festas, ou seja, para que não aconteçam de maneira clandestina, ela contribui para uma mudança de percepção sobre essas manifestações.

A próxima postagem analisada no blog tinha o título 'O Funk além da batida – A consciência dentro do funk'. Diferindo da maior parte dos posts do blog, aqui toda a informação é produzida no sentido de salientar que o funk tem compositores(as) que voltam a sua produção para além do caráter exclusivo de divertimento. Não que o funk consciente exclua a característica dançante do gênero e o espaço de lazer que o mesmo proporciona. De fato, uma característica marcante desse subgênero é promover o divertimento e ao mesmo tempo produzir informações que possibilitam o empoderamento de um grupo específico. A maior ênfase é dada ao grupo de jovens negros(as), mas ela pode também ser direcionada a grupos de uma localidade geográfica específica, ou de um segmento econômico, gênero etc.

Aqui, assim como na postagem anterior, não é feita uma associação direta do funk com a questão racial, embora essa ligação esteja presente já na primeira leitura que fazemos, pois, o texto se inicia com uma imagem (Figura 4).

Figura 4 – Baile na Cidade Tiradentes, zona leste de São Paulo



Fonte: Blog Funk na Caixa, 2019.

Aqui é possível constatar que o espaço do baile funk é predominantemente ocupado por jovens, sendo que a maior parte desses jovens são negros(as). Nesse caso, a própria imagem do baile se enquadra no que identificamos como informação étnico-racial, com direcionamento positivo, ao mostrar os jovens no baile como um espaço de igualdade, onde os jovens transitam livremente reunidos pelo funk, em um espaço de socialização e lazer.

Na imagem é possível observar que apesar da aglomeração não há nenhum indício de tumulto. Os(as) jovens que estão à frente na foto, inferindo que a foto tenha sido tirada de um palco, parecem estar atentos ao espetáculo e cantando os funks. Algumas das jovens com as mãos levantadas estão provavelmente batendo palmas ou fazendo o gesto de subir e descer as mãos, bastante comum também em raps, feito quando se está cantando a música. Dessa forma, deduzimos que os(as) jovens presentes no baile estão em um momento de empolgação com a música.

O post se dedica ao funk consciente, uma vertente do funk que “trata do cotidiano de quem mora na favela. Muitas vezes abordando temas ‘polêmicos’ como a violência, tráfico de drogas e abuso de autoridades [...]. Porém, esta vertente do funk também aborda valores como humildade, trabalho, família e respeito” (MARTINS, 2015c, online). As favelas têm cor, assim, cantar as realidades das favelas, especialmente as brasileiras, é também falar sobre a população negra.

No texto, o autor do blog faz uma listagem de cinco funks conscientes que são indicados no post, com base em artistas atuais, a saber: ‘Tá difícil’, do MC Felipe Boladão; ‘Roda gigante’, da MC Marcellly; ‘Sem chance de ser’, do MC Fininho; ‘Só progresso sem conflito’, do MC Neguinho da Comporta; e ‘Pequeno Guerreiro’, do MC Pekeno.

Quando o funk consciente é o tema, as músicas são comparadas com as músicas ‘Rap do Silva’ e ‘Rap da Felicidade’. Assim, quando funks conscientes são considerados bons, remetem ao Rap da Felicidade e Rap do Silva. Nesse contexto, a comparação aciona a memória do funk, é um ato de evocar informações sobre o funk enquanto movimento social, com

composições feitas a partir do talento da população negra das favelas, como é o caso dos MCs Cidinho e Doca, cariocas da Cidade de Deus.

Na postagem em questão, a imagem dos próprios MCs também ilustra a ocorrência da informação étnico-racial que pode ser apropriada pelos(as) leitores(as) para (re)construção da identidade negra. As informações acerca dos MCs podem se constituir em modelos de sucessos a serem seguidos pelos(as) seus(suas) fãs. Ressaltamos aqui que dos cinco artistas mencionados, quatro deles são negros, os MC Felipe Boladão, Fininho, Neguinho da Comporta e o Pekeno. No post são usadas as imagens do MC Felipe Boladão (marcada pelo número 1) e Wellington Fininho, o MC Fininho (marcada pelo número 2).

Figura 5 – MCs do funk consciente



Fonte: Blog Funk na Caixa, 2019; <https://twitter.com/mcpekeno> e https://www.instagram.com/user/nd_comporta

Na Figura 5 é possível observar que além da etnia dos MCs, existem outras informações que podem ser apropriadas como subsídio para a (re)construção da identidade negra. A forma de vestir aqui é um elemento para o pertencimento e a aceitação no grupo. O uso de bonés é recorrente na estética do funk, sejam eles com a aba voltada para frente ou com a aba voltada para trás. O uso de marcas específicas de roupas, óculos, tênis, entre outras peças de vestimenta, também são características da identidade do(a) funkeiro(a). Marcas de luxo passam a imagem de exclusividade e de sucesso. O MC Fininho veste uma camiseta da marca Hollister e o MC Neguinho da Comporta, casaco e boné da marca 4m, mostrando que a preocupação com a aparência não se resume a uma questão puramente estética, mas envolve também o fato de mostrar que as roupas e adereços são caros. O uso de óculos escuros e muitas joias também compõe esse elemento.

Ao final da postagem, é possível ainda observar as TAGs que representam melhor o conteúdo do texto para a sua recuperação por tema. São usados os termos: baile funk; baixada; baixada santista; funk consciente; funk de raiz; permitidão; Rio de Janeiro; São Paulo. Pela palavras-chaves utilizadas, o autor associa o funk consciente ao funk raiz, ou seja, o funk consciente remete à história do gênero no Brasil, enquanto uma das vozes da juventude negra desde o século passado. O termo “permitidão” se apresenta através do post em sua primeira ocorrência para nós. Até onde pudemos verificar, não identificamos o uso do termo na literatura sobre o funk, “Permitidão” se opõe a “proibidão”, as letras do funk consciente não trazem as letras cruas do proibidão, não abordam temas polêmicos de forma mais enérgica como outros segmentos do funk. Por exemplo, a violência policial sofrida pelos(as) moradores(as) do morro aparece nas letras, mas não de forma detalhada, assim como o tráfico e o consumo de drogas.

O blog Funk na Caixa direciona suas ações para a disseminação da informação musical acerca de artistas e principalmente sobre música e listas de reprodução para a escuta online, não se propondo a fazer o debate sobre questões raciais associadas ao gênero. Contudo, mesmo não sendo o intuito do blog, e ainda que tenhamos observado que há uma certa ação de

dissociação do funk de qualquer característica que não seja a de puro lazer, acreditamos que seja quase impossível fazer essa dissociação.

Apontar aqui essa ocorrência corrobora nosso ponto de vista, no sentido de que as informações disseminadas nos blogs podem ser direcionadas para a (re)construção identitária, principalmente se olharmos num sentido de potencialidade. As letras de protesto e resistência no funk criam possibilidades de unir pessoas em torno de uma identidade primária. Como dito por Castells (1999), são disseminadas e apropriadas séries de informações que unem essas pessoas em torno de um sentimento de pertença comum.

Observamos que ao se propor a criar e manter um blog sobre o funk, tanto o o blogueiro quanto o próprio blog pode ser vistos como agentes mediadores da informação musical e também da informação étnico-racial. Quando passamos a observar esse tipo específico de informação no discurso proferido no blog analisado não há, na maior parte das vezes, uma ação intencional do blogueiro em levantar a questão racial. Dessa forma, a informação étnico-racial aparece com mais frequência no texto imagético. Porém, mesmo que essa mediação não seja intencional, ainda assim dissemina informações em um sentido de afirmação, que podem ser apropriadas pelos(as) leitores(as) para a (re)construção identitária enquanto negro(a).

O discurso proferido aqui sobre o funk, pelo blogueiro, pelos(as) leitores(as) por meio dos comentários, e também pelos(as) artistas nas entrevistas concedidas ao blog não assumem em momento algum um tom discriminatório. No blog “Funk na caixa”, o gênero é sempre retratado pelo seu lado positivo, um espaço de lazer. Mesmo levando em consideração as diversas subdivisões do gênero, e que a aceitação de uma dessas correntes do funk varia de acordo com quem o escuta, não se observa juízos de valores ou hierarquização entre as subdivisões do funk no discurso do blog.

O espaço de sociabilidade criado pelo funk, que também abrange os blogs acerca do gênero, possibilita a inclusão de pessoas que são barradas em outros espaços, como negros(as), homossexuais, mulheres. A flexibilidade do funk permite a disseminação dos mais diversos, e algumas vezes inesperados, tipos de informação, como o uso do funk para a disseminação de mensagens religiosas em igrejas evangélicas, o funk gospel.

Ao dar uma certa ênfase ao funk da na cidade de São Paulo, o blog Funk na Caixa, termina por envideciar uma mudança em curso da estrutura social brasileira, mesmo que ainda esteja longe de se aproximar de qualquer parâmetro de igualdade. Contudo, o aumento do poder econômico da população negra pode, em alguns momentos, “suavizar” o racismo, que passa a se manifestar na sua forma velada, dificultando ainda mais o seu combate. Por outro lado, o nível de consciência política e de empoderamento da população está cada vez maior: negros e negras passam a galgar posições que começam a comprometer essas estruturas de poder há tanto tempo institucionalizadas.

5 Considerações Finais

A pesquisa da qual se originou este artigo possibilitou explorar algumas lacunas a respeito da (re)construção da identidade negra sob a perspectiva da Ciência da Informação e da Biblioteconomia. Observamos que no contexto dos blogs analisados, se identificar como funkeiro(a) precede o pertencimento étnico-racial. Dessa forma, a identificação enquanto funkeiro(a) traz consigo uma dimensão do pertencimento étnico-racial, e com ele, a discriminação. O racismo que violenta a população negra é o mesmo que também age para a deslegitimação de sua produção cultural, rotulando o funk como uma música que só tem aspectos negativos, e por consequência, os(as) funkeiros(as) também. Trata-se do racismo velado que não atinge diretamente a pessoa negra, mas se transforma em uma prática discursiva que tenta diminuir a sua produção, colocando-a em posição de marginalidade.

Verificamos, então, que a possibilidade da apropriação da informação étnico-racial, a partir de blogs como dispositivos mediadores, pode contribuir de forma positiva para uma (re)construção da identidade negra. Uma vez que essas informações têm a potencialidade de evocar um ethos do(a) funkeiro(a), elas proporcionam a partilha de elementos para a criação de um sentimento de pertencimento fundamental nesse processo.

A adoção da ACD nos apresentou a possibilidade de investigar o discurso enquanto prática social. A compreensão de estruturas de dominação nos conduziram ao entendimento do discurso como uma tecnologia para a mudança social. De forma

a contribuir para que essa mudança social possa acontecer, usamos, como estratégia, o apontamento da ocorrência da informação étnico-racial nos posts analisados.

Para desconstrução do racismo, identificamos a substituição de imagens negativas por imagens de autoafirmação, a partir dos blogs enquanto mediadores desse tipo de informação. Discutir a mediação da informação descortinou os blogs não apenas como simples pontes que ligam os(as) leitores(as) às informações, mas principalmente como meios que permitem dimensionar que, nessa ligação, a informação é disseminada com objetivos específicos, sendo produzida e assimilada por pessoas que são carregadas de valores e ideologias.

Notamos que, nas discussões sobre as questões étnico-raciais, parte da população negra passa a recusar um posicionamento de oprimido, se colocando em posição de protagonismo.

A socialização da juventude, a valorização da beleza, da música e da cultura da população negra são algumas das contribuições do funk ao seu processo de empoderamento. Entendemos então que, para que a (re)construção da identidade negra seja efetivada, é preciso se posicionar contra um discurso hegemônico que naturaliza, diariamente, o racismo. Ser negro(a) continua sendo sinônimo do ato de resistir.

Referências

- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da Informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/pbcib/article/view/11990> Acesso em: 13 ago. 2020.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; SANTOS NETO, João Arlindo. Mediação da informação e a organização do conhecimento: interações. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 98-116, maio/ago. 2014. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16716/pdf_25. Acesso em: 13 ago. 2020.
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. Correntes teóricas da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 3, p. 194-207, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v38n3/v38n3a13>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- ARAÚJO, Rafaela Lima de; ARAÚJO, Ronaldo Ferreira de. Ler, compartilhar e interagir: blogs como ferramentas de mediação de leitura. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 240-260, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1042>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- BAGGIO, Claudia Carmem; COSTA, Heloisa; BLATTMANN, Ursula Blattmann. Seleção de tipos de fontes de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 204-217, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- BARBOZA, Elder Lopes; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. A mediação da informação nas discussões sobre os fluxos informacionais. **Informação Pauta**, Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 55-73, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/30812>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- CAPURRO, Rafael. Ética intercultural de la información. In: GOMES, Henriette Ferreira; BOTTENTUIT, Aldinar Martins; OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro de (Org.). **A ética na sociedade, na área da informação e da atuação profissional**: o olhar da Filosofia, da Sociologia, da Ciência da Informação e da Formação e do Exercício Profissional do Bibliotecário no Brasil. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CUNHA JÚNIOR, Henrique. Afrodescendencia e africanidades: um dentre os diversos enfoques possíveis sobre a população negra no Brasil. **Interfaces de Saberes**, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2013. Disponível em: <https://interfacesdesaberes.fafica-pe.edu.br/index.php/import1/article/download/169/88>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- DAVALLON, Jean. A mediação: comunicação em processo? **Primas.com**, Porto Alegre, n. 4, 2007. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/view/645/pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- FAIRCLOUGH, Norman. Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica. **Linha d'Água**, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/47728/51460/>. Acesso em: 13 ago. 2020.

- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora UNB, 2016.
- GIORGI, Maria Cristina; BIAR, Liana de Andrade; BORGES, Roberto Carlos da Silva. Estudos da linguagem e questões étnico-raciais: contribuições e limites. **Revista da ABPN**, v. 7, n. 17, p. 2002-218, jul./out. 2015. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/79/78>. Acesso em: 17 dez. 2020.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- HALL, Stuart. Que “negro” é esse na cultura negra? *In*: SOVIK, Liv. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- MARTELETO, Regina Maria. Redes Sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Pesquisa brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, Brasília, v. 3, p. 27-46, jan./dez. 2010. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/13080>. Acesso em: 13 ago. 2020.
- MARTELETO, Regina Maria; THIESEN, Icleia. “Somente existe cultura transformada”: as mediações da informação e da cultura. **Informação & Sociedade**.: estudos, João Pessoa, v. 28, n. 2, p. 93-102, maio/ago. 2018. Disponível: http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/38751/pdf_1. Acesso em: 13 ago. 2020.
- MARTINS, Renato. **Sobre nós**. 2019. Disponível em: <https://www.funknacaixa.com.br/sobre>. Acesso em: 17 dez. 2020.
- MARTINS, Renato. “O direito a diversão e o direito ao descanso das pessoas da comunidade”. As diretrizes da prefeitura em relação ao Fluxo. *In*: MARTINS, Renato. **Funk na caixa**. 4 set. 2015a. Disponível em: <http://funknacaixa.com/2015/09/04/5978/>. Acesso em: 17 dez. 2020.
- MARTINS, Renato. A lotação records te lembra: funk também tem conteúdo. *In*: MARTINS, Renato. **Funk na caixa**. 3 dez. 2015b. Disponível em: <http://funknacaixa.com/2015/12/03/a-lotacao-records-te-lembra-funk-tambem-tem-conteudo/>. Acesso em: 17 dez. 2020.
- MARTINS, Renato. O funk além da batida: a consciência dentro do funk. *In*: MARTINS, Renato. **Funk na caixa**. 03 set. 2015c. Disponível: <http://funknacaixa.com/2015/09/03/o-funk-alem-da-batida-a-consciencia-dentro-do-funk/>. Acesso em: 17 dez. 2020.
- OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. Afrodescendência, memória e tecnologia: uma aplicação do conceito de informação étnico-racial ao projeto “A Cor da Cultura”. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- PENTEADO, Cláudio Luis de Camargo; SANTOS, Marcelo Burgos Pimental dos; ARAÚJO, Rafael de Paula Aguiar. Metodologia de pesquisa de blogs de política: análise das eleições presidenciais de 2006 e do movimento “Cansei”. **Rev. Social, Polít.**, Curitiba, v. 17, n. 34, p. 159-181, out. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a12v17n34.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.
- PEREIRA, Aline Valadão Vieira Gualda. Os bate-bolas do carnaval contemporâneo do Rio de Janeiro. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 115-124, 2009. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/download/12160/9475>. Acesso em: 17 dez. 2020.
- QUEIROZ, Edileuza Dias de; FREIRE, Laísa. Análise crítica do discurso: um marco teórico-metodológico para pesquisas em educação em ciências. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 7, n. 1, maio 2014. Disponível em: http://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente_backup/article/view/14677/9279. Acesso em: 17 dez. 2020.
- SARTURI, Letícia; Cerqueira, Carla. Mulheres, empoderamento e autoestima: a influência dos blogs de moda na identidade plus size. **Revista Gênero & Direito**, João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 115-142, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ged/article/view/35626/18105>. Acesso em: 17 dez. 2020.
- SCHNEIDER, Marco. **A dialética do gosto: informação, música e política**. Rio de Janeiro: Circuito, 2015.
- SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Fontes de informação na Web: apropriação, uso e disseminação da informação étnico-racial no movimento negro da Paraíba. **Transinformação**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 203-212, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tinf/v26n2/0103-3786-tinf-26-02-00203.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2020.

Artigo submetido em: 16/07/2020.

Aceito em: 10/11/2020.

UFCA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CARIRI

Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia



Este periódico é uma publicação do [Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia](#) da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade quadrimestral.